

DOSSIÊ
SEMIÓTICA DA CULTURA
E AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Apresentação do dossiê

Neste dossiê de Estudos de Religião, intitulado *Semiótica da Cultura e as Ciências da Religião*, reunimos e apresentamos artigos de pesquisadores da área das Ciências da Linguagem e das Ciências da Religião para discutirem, com base em diferentes perspectivas e especialidades, as possibilidades de análise de textos religiosos sob a abordagem teórica da escola Tártu-Moscou de Semiótica e de seu fundador e expoente, Iuri Lótman. Entendemos que a aproximação entre Semiótica da Cultura e as Ciências da Religião, tal como proposta neste dossiê, é pertinente devido à complexidade estrutural das expressões religiosas, em sua composição multifacetada (oral, escrita, visual, gestual), e devido ao interesse que a semiótica da cultura tem em abordar textos híbridos, em transformação nas fronteiras da semiosfera.

Os textos religiosos (ritos, mitos, liturgias, trabalhos, despachos, encantamentos, invocações, imagens, cânticos, rezas etc.) têm um poder de modelização da realidade, de atribuição e articulação de sentido, principalmente nas camadas populares das culturas, o que faz com que sejam constantemente submetidos a transformações. A dinamicidade deles, seja nos espaços que ocupam na semiosfera, seja nos renovados sentidos que geram, requer uma abordagem teórica que privilegie a análise crítica de sua dinamicidade e imprevisibilidade.

Apesar de nossa constatação inicial da pertinência da semiótica *lotmaniana* para a análise de textos religiosos, tivemos que lidar com o estranho fato de que ela é praticamente desconhecida e inexplorada nas Ciências da Religião, com exceção de esforços pioneiros e isolados. Entendemos que tal desconhecimento, além de injustificado diante da rica produção de semiótica da cultura na América Latina (e em especial no Brasil e na Argentina, para falarmos de nosso contexto mais próximo), não condiz com as ricas possibilidades de análise que se anunciam dessa parceria. É nesse contexto que propomos este material, como um esforço integrado de pesquisadores de diferentes áreas para a articulação de conceitos e campos de estudo em torno da análise dos textos religiosos.

Os artigos deste dossiê estão divididos em dois blocos: o primeiro composto por textos escritos por autoras especialistas em Semiótica da Cultura, e o segundo, no qual cientistas da religião promovem a discussão de conceitos *lotmanianos* em relação a seu campo de estudos. Considerando que o conceito de texto sustenta a abordagem semiótica da cultura, sobretudo pelas possibilidades de interação e de geração pressuposta na vida cultural da palavra, o artigo “Experiências do espaço semiótico” dedica as suas principais articulações à primazia de seu enfoque. Com base na noção lotmaniana de espaço semiótico, Irene Machado examina processos culturais como a tradução e a modelização que situa tradições culturais nas fronteiras de relações históricas. Tal é o enfoque dedicado à análise do ícone russo tão marcadamente vinculado à experiência semiótica do espaço no contexto da cultura medieval, lançando, assim, um dos conceitos-chave da compreensão semiótica do espaço em que vigoram as relações topológicas.

Na linha de questionamento das relações comunicativas, o espaço semiótico acolhe uma das reflexões fundamentais de Lótman sobre a relação com o outro. Cresce a importância da retórica como a possibilidade de ampliação da interpretação que move diferentes esferas da cultura. No artigo “A concepção semiótica da retórica e a formação do tropo religioso”, Regiane M. Nakagawa examina o potencial retórico no nível das metalinguagens a que se estão sujeitos textos culturais nos seus contatos em espaços semióticos. Para isso, analisa a constituição do tropo retórico num texto cultural muito específico: a cerimônia realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada no Pelourinho, em Salvador.

Não é apenas a trajetória histórica dos textos culturais que emergem como objeto de estudo das relações nos espaços semióticos. O artigo de Laura Gherlone se volta para os últimos textos de Lótman, o que nos permite dimensionar a coerência de seu sistema teórico. Em “Rumo a uma semiótica histórica” Lótman surge em diálogo com o debate científico de sua época de modo a entender a história, não na continuidade de eventos, mas no campo de forças entre o que segue um processo gradual de desenvolvimento e aquilo cujas confluências instituem os movimentos explosivos de fenômenos contingentes, imprevisíveis. Imprevisível não é apenas o fenômeno não cogitado, mas também o movimento que, ao dimensionar elementos caídos no esquecimento, promove o (re)estabelecimento de vínculos inusitados. Nesse sentido, a força dos textos religiosos pode ser dimensionada no confronto entre a gradualidade daquilo que se mantém e a explosividade de novas relações emergentes em processos interativos dos seres em processos históricos.

Ainda que a pesquisa de Lótman tenha se fechado com esse estudo, a reflexão sobre a semiótica histórica se fortalece com um legado de abordagens

sobre seus problemas fundamentais. É isso que podemos divisar nos objetos de estudos desenvolvidos nos artigos que seguem mais de perto o diálogo entre a Semiótica da Cultura e as Ciências da Religião. O papel da memória e dos símbolos religiosos; a formação do cânon bíblico; e a tradução de textos bíblicos e apócrifos; situam os vínculos que os problemas religiosos históricos explicitam ao serem dimensionados semioticamente. Tal é o que se observa da leitura dos textos que três pesquisadores da área de Ciências da Religião apresentam como colaborações a este dossiê.

O primeiro artigo, de Rodrigo Franklin de Sousa, intitulado “Símbolos, memória e a semiótica da cultura: a religião entre a estrutura e o texto”, nos oferece uma reflexão sobre as possíveis contribuições da Semiótica da Cultura “para o desenvolvimento de novos paradigmas teóricos para o estudo da religião”, e, mais especificamente, para “ampliar os horizontes teóricos de uma abordagem ao fenômeno religioso pelo viés da linguagem”. Para discutir essas questões, o autor levanta a questão das duas formas de relações entre linguagem e o estudo da religião: a primeira, na perspectiva estruturalista, e a segunda, na perspectiva da filosofia das formas simbólicas. A pesquisa sobre os símbolos religiosos se desenvolveu, dessa forma, alternando a consideração de grandes estruturas, em um caso, e no foco nas manifestações concretas dos símbolos religiosos, no outro. Essa delimitação entre o estrutural e o concreto poderia ser superada na perspectiva lotmaniana, em seu conceito de símbolo, que abrange tanto o sentido imediato (o texto), no contexto cultural mais amplo (semiosfera), quanto o lugar que este ocupa na memória cultural. A Semiótica da Cultura ajudaria as Ciências da Religião, dessa forma, a superar reducionismos das abordagens estruturalistas e das interpretativas, permitindo entender o texto religioso no quadro mais amplo da semiosfera, em perspectiva sincrônica e diacrônica.

O segundo artigo, de José Adriano Filho, intitulado “A formação do Cânon bíblico: considerações a partir da semiótica da cultura”, aborda a Semiótica da Cultura como instrumento teórico para compreender em novas perspectivas um processo histórico-cultural há muito estudado e debatido na história do cristianismo: a formação do cânon bíblico. Sua proposta é a de entender o conceito de cânon da igreja antiga como “código”, no entanto, como “código de segundo grau”, em analogia aos sistemas modelizantes de segundo grau, conforme o conceito cunhado por Lótmán. Ou seja, o cânon bíblico da igreja antiga se torna um modelo de organização de toda a Escritura, de redefinição de sentidos dos textos antigos em novas textualidades, por meio dos recursos interpretativos, como o da leitura alegórica. Dessa forma o cânon se torna um texto da cultura, por meio do qual a compreensão de

toda história é moldada e por intermédio do qual é formada a memória cultural. Nesse processo de ressignificação, a Bíblia se torna um texto da cultura.

Por fim, o artigo de Paulo Nogueira, “Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera”, analisa as possibilidades de aplicação do modelo e do conceito *lotmaniano* de fronteira da semiosfera e seus filtros tradutores bilíngues em textos religiosos concretos. Da mesma forma que José Adriano Filho, ele se volta para os textos do cristianismo no mundo antigo, mas dessa vez para analisar seus processos de transformação e tradução cultural no momento histórico no qual os primeiros cristãos tinham que definir suas identidades em relação ao judaísmo e ao mundo greco-romano. Os textos bíblicos e apócrifos manifestam essas traduções incompletas realizadas nas fronteiras dos sistemas culturais. Os primeiros cristãos, no esforço de articularem uma nova linguagem no mundo mediterrâneo, elaboram narrativas ficcionais que privilegiam temas como viagens por lugares desérticos, exorcismos contra seres demoníacos, viagens aos infernos, deuses que descem dos céus, animais que manifestam características humanas, entre outros. Nessa saturação de elementos fronteiros, entre o humano e o bestial, o humano e o demoníaco, o humano e o divino, nas estradas e desertos, com a ajuda de conceitos *lotmanianos*, percebemos processos de tradução realizados nas margens da semiosfera.

Este dossiê deve ser entendido, antes de tudo, como um convite, como um esforço inicial de diálogo e trabalho interdisciplinar. As Ciências da Religião ganharão um instrumental e um quadro teórico muito rico para a análise dos mais diferentes textos religiosos, em perspectivas que vão da articulação interna dos textos até sua dinâmica nos grandes sistemas culturais na semiosfera.

Irene Machado (ECA- USP)

Paulo Augusto de Souza Nogueira (UMESP)